

Genes podem indicar risco de câncer de próstata.

Descoberta pode levar a teste mais preciso para detectar chance de paciente ter tumor.

Pesquisadores britânicos anunciaram a descoberta de sete novos genes associados ao câncer da próstata que talvez possam ser usados para identificar com mais precisão os homens com maior risco de desenvolver a doença.

De acordo com estudo publicado na revista científica "Nature Genetics", alguns desses genes podem também levar a novos tratamentos.

Os cientistas do Institute of Cancer Research vão realizar um novo estudo neste ano para tentar localizar os genes de risco em homens com um histórico de câncer na família.

Os genes, identificados por meio de uma análise do código genético de 10 mil indivíduos, estão associados a mais de 50% dos casos de câncer da próstata.

O câncer da próstata é o tipo de câncer mais comum nos homens britânicos.

Exame de laboratório

Atualmente, o único teste de laboratório disponível para identificar o câncer da próstata é um exame de sangue que detecta a presença do antígeno prostático específico (PSA na sigla em inglês).

Mas o teste é pouco confiável. Entre 10% e 15% dos homens com altos índices de PSA, apenas de 2% a 3% recebem tratamento.

Durante o estudo, os pesquisadores britânicos analisaram mais de meio milhão de variações de apenas uma letra no código genético de homens na Grã-Bretanha e na Austrália. Segundo os pesquisadores, os sete genes encontrados não haviam sido previamente associados ao câncer da próstata. Um deles, o MSMB, pode ser detectado no sangue e talvez venha a ser particularmente útil na identificação do câncer e no monitoramento da evolução da doença. Outro, o LMTK2, é um alvo em potencial para novos tratamentos, de acordo com os pesquisadores.

Perfil genético

Os cientistas afirmam que, dentro de três a quatro anos, será possível oferecer análises do perfil genético de uma pessoa para avaliar os riscos de que ela desenvolva um câncer na próstata. A partir daí, os médicos poderão decidir quem precisa ser monitorado mais regularmente e quem deve fazer uma autópsia. Ros Eeles, autora do estudo, disse que a descoberta pode ser muito útil para a saúde pública, permitindo um melhor direcionamento dos recursos, mas destacou que o teste ainda não está disponível. "Estamos fazendo um novo estudo porque precisamos ver quem vai se oferecer para o teste, quem vai se beneficiar, que tipo de resultados vão ser obtidos com as biópsias e que tipo de câncer vai se desenvolver", afirmou.

O especialista em epidemiologia genética Doug Easton, da Universidade de Cambridge, responsável pela análise das informações coletadas pelo estudo, diz que os resultados vão auxiliar muito no entendimento de como o câncer da próstata funciona. Easton afirma que a maioria das pessoas possui pelo menos um dos genes identificados, mas a combinação de alguns deles é que aumenta o risco de um indivíduo.

Falta de tratamento traz conseqüências.

A falta de tratamento da reposição hormonal traz muitas conseqüências na esfera social. A pessoa fica irritada com a família, começa a perder a paciência, tem desânimo e fadiga acentuada. Além disso, pode sofrer fraturas ósseas.

Um estudo recente da Universidade da Califórnia, nos EUA, que envolveu 800 participantes entre 50 e 91 anos, concluiu que os homens que têm baixas doses do hormônio masculino têm até 33% mais chances de morrer num período de 18 anos em relação aos que apresentaram níveis normais.

- É possível prevenir o mal mantendo hábitos saudáveis, alimentação que não seja rica em carboidratos e lipídios. O acúmulo de gordura abdominal está ligado ao aumento dos níveis de glicose no sangue e maior tendência a diabetes. A doença provoca alterações vasculares, também afetando a vascularização do testículo e a produção de testosterona - explica o urologista Antônio Pereira Bueno. - Cuidar da deficiência hormonal traz muitos benefícios, inclusive a diminuição da gordura abdominal.

Pesquisa no Brasil

Um estudo realizado pelo Projeto Sexualidade, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, comprovou que a falta de cuidados regulares com a saúde diminui a qualidade de vida do homem. Quase 15% dos 10.161 participantes usaram medicamentos para conseguir ereção. Destes, 69% ficaram satisfeitos com o resultado dos remédios. Contudo, apenas 33,5% haviam passado por uma consulta urológica com toque retal nos últimos 12 meses, para verificar a saúde da próstata, e outros 18,2% foram ao urologista, mas não fizeram o exame.

Durante a pesquisa, foi aplicado um questionário específico para a identificação de sintomas relacionados ao DAEM. A análise das respostas ao inventário com 17 sintomas característicos do distúrbio mostrou altos índices de respostas entre moderada, grave e muito grave para nervosismo (27,4%), irritabilidade (25,9%), alterações do sono (25,6%) e para os demais sintomas. Cerca de 85% dos homens que precisam de avaliação médica a respeito dos sintomas referidos ao AMS não passaram por nenhum tipo de intervenção.

A maioria dos homens (80,7%) nunca realizou exames de dosagem de testosterona no organismo.

- O problema é que muitos confundem os sintomas do DAEM com depressão e demoram para buscar o médico - lamenta o urologista Charles Rosenblatt. (C.G.)